

# Ser uma multidão: a complexidade do sistema vivente em um oximoro

**Paolo Bucci<sup>1</sup>, Márcia Câmara<sup>2</sup>, Fiorella Cerami<sup>3</sup>, Stefano Fantozzi<sup>4</sup>, Maria Stefania Lobasso<sup>5</sup>, Alberto Panza<sup>6</sup>, Cristiana Picconi<sup>7</sup>, Massimo Romanini<sup>8</sup>, Fausta Romano<sup>9</sup>, Roma**

---

1. Psicólogo psicoterapeuta, didata junto à *Scuola Romana di Psicoterapia familiare*, sócio fundador do *Istituto Psicanalitico di Formazione e Ricerca A.B. Ferrari* (Roma, Itália), membro do Conselho da *Società Italiana di Psicologia e Psicoterapia Relazionale*.

2. Psicanalista didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, membro da *International Psychoanalytical Association (IPA)*, membro da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRRAPSI), Membro do Núcleo Psicanalítico de Aracaju (NPA) e do *Istituto Psicoanalítico di Formazione e Ricerca A.B. Ferrari*.

3. Médica, sócia ordinária do *Istituto Psicoanalítico di Formazione e Ricerca* Armando Ferrari de Roma, Itália.

4. Psicólogo clínico, psicoterapeuta, sócio do *Istituto Psicoanalítico di Formazione e Ricerca* Armando Ferrari de Roma, Itália; Didata da *Scuola Romana di psicoterapia familiare*.

5. Psicóloga clínica, psicoterapeuta, psicóloga do trabalho e das organizações, sócia ordinária do *Istituto Psicanalitico di Formazione e Ricerca A.B. Ferrari* (Roma, Itália), participa do grupo integrado de Psicanálise e Tai Chi Chuan, conduzido por Anna Siniscalco.

6. Psicólogo psicoterapeuta; membro fundador do *Istituto Psicoanalítico di Formazione e Ricerca* Armando Ferrari (Roma, Itália), foi docente de Psicologia da Arte na Universidade de Roma, La Sapienza, docente de Elementos de Psicanálise junto ao Instituto Aretusa, Escola de formação em Psicoterapia Psicanalítica e Fenomenológica de Pádua, responsável pelo setor de Psicologia e psicoterapia do Centro Italiano de Medicina Integrada de Roma, Itália.

7. Psicóloga psicoterapeuta da idade adulta e da evolução, especialista em Transtornos do Espectro Autista, psicoterapeuta, membro do *Istituto di Formazione e Ricerca A. B. Ferrari* (Roma, Itália).

8. Psicólogo e Psicoterapeuta; Sócio Fundador e Secretário-Geral do *Istituto Psicoanalítico di Formazione e Ricerca “A.B. Ferrari”* de Roma, Itália

9. Psicóloga, Psicoterapeuta individual e familiar, Presidente do *Istituto Psicanalitico di Formazione e Ricerca “A.B. Ferrari”* e participa do grupo integrado de Psicanálise e Tai Chi Chuan conduzido por Anna Siniscalco.

**RESUMO:** Este aporte deriva do trabalho de reflexão e discussão dos sócios do IPFR A.B. Ferrari de Roma, sobre a temática da complexidade do sistema vivente. O sistema vivente é considerado como um conjunto de vários aspectos interligados de forma mais ou menos harmônica: na área vertical, dimensão corporal, dimensão emocional, dimensão psíquica. Na área da corporeidade, o próprio corpo é considerado como um ecossistema, o holobioma ou holobionte. Na dimensão relacional, a necessidade de se representar em relação consigo mesmo, com o outro, com o mundo. Trata-se, então, de um sistema complexo, cujos componentes podem, com o tempo, relacionar-se em momentos de maior ou menor harmonia, realizando equilíbrios instáveis de maior ou menor adaptabilidade às necessidades do viver. Os testemunhos clínicos contribuem para o desenvolvimento da hipótese apresentada.

**PALAVRAS-CHAVE:** multidão; holobioma; corporeidade; psiquicidade; outro.

*“Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros e fantásticos espelhos que distorcem em falsos reflexos uma única realidade anterior, que não é ninguém e está em todos”*

### O corpo como ecossistema

A ideia do organismo humano como individualidade anatômica e funcionalmente separada do ambiente a seu redor, dominou a cena das ciências biológicas da segunda metade do século XIX até o final do século XX.

Somente em anos recentes, como uma verdadeira quebra do paradigma anterior, abriu-se o caminho para um modelo inovador e dinâmico do corpo como ecossistema em contínua relação e evolução com o nicho ecológico ambiental do qual é parte integrante (Tauber, A., 2017).

É oportuno reconhecer que, anteriormente, a noção de indivíduo biológico foi útil para fornecer um contexto conceitual destinado a integrar os novos dados que, aos poucos, vinham sendo adquiridos, em muitos âmbitos distintos do das ciências naturais. E cada uma das disciplinas interessadas formulou uma diferente e específica declinação do conceito de individualidade. Entretanto, a partir do começo do século XX, a análise

do DNA e o sequenciamento genômico confutaram estas definições disciplinares, evidenciando interações significativas tanto dos animais quanto das plantas com microrganismos simbióticos indispensáveis à vida de cada organismo. A acumulação destas novas evidências científicas, inevitavelmente, tornou menos nítidas e definidas aquelas fronteiras que, até agora, caracterizaram a noção de individualidade biológica. Temos que assumir que os animais não podem mais ser considerados indivíduos, nem do ponto de vista anatômico nem fisiológico, já que uma multidão de distintos simbiontes está não só presente, mas é também necessária à completação dos percursos metabólicos e indispensáveis para muitas e várias funções fisiológicas. Ademais, estes novos estudos mostraram também que o desenvolvimento animal é uma questão que diz respeito à comunicação interespecífica e seria incompleto sem a presença dos simbiontes. Analogamente, os simbiontes entram na constituição do patrimônio genético herdável. Até o sistema imunológico, historicamente considerado o principal responsável pela proteção das fronteiras do organismo contra a invasão dos micróbios como potenciais inimigos, desenvolve adequadamente sua função somente se aprender a tolerar a presença da abundante flora bacteriana que habita todas as mucosas do corpo e que, nestes tecidos, desenvolve funções fisiológicas insubstituíveis. Assim, a simbiose é o princípio fundamental de todas as ciências biológicas contemporâneas e impõe a substituição do conceito de individualidade biológica com o de holobioma (ou holobionte), mais congruente com nossos atuais conhecimentos sobre o vivente, que inclui tanto o organismo multicelular - o denominado hospedeiro - quanto suas colônias de microrganismos simbióticos (Gilbert, S.F., Sapp, J., Tauber A.I., 2012 - tradução livre). Contrariamente ao que afirmam os neodarwinianos (Dawkins, R., 1976-1989), não apenas a competição, mas também a cooperação é uma das poderosas forças que atuam na evolução do vivente em nosso planeta. A complexidade aumenta e o reducionismo arrasta-se face à necessidade de abrir-se a uma nova visão ecológica dos sistemas

viventes, realmente sistêmica e relacional. O desafio para este novo século que acabou de começar é conseguir imaginar uma autêntica Nova Biologia ecológica e sistêmica capaz de ultrapassar o paradigma científico reducionista e que possibilite dar conta da complexidade dinâmica autorreguladora do vivente: isto é, uma abordagem sistêmica plenamente integrada que inclua todas as relações do organismo, dentro de si e em associação com seu ambiente.

Nesta nova perspectiva, é necessário que a individualidade biológica estática e insular seja substituída por uma processualidade emergente, com múltiplas interações do ambiente interno e destas com as criticidades e as oportunidades oferecidas pelo ambiente externo, numa constante mutação de configurações, em que a continuidade implica a descontinuidade e vice-versa, e a causalidade linear determinista é substituída pela causalidade circular probabilista.

O auspício, inclusive amplamente compartilhado (Tauber, A.I., 2017), é que este trabalho de integração interdisciplinar não permaneça confinado no âmbito das ciências naturais, mas possa estender-se também ao âmbito das humanas, e especificamente da psicanálise, para que a perspectiva objetiva e observacional em terceira pessoa seja integrada à subjetiva e experiencial em primeira pessoa, quando o sistema biológico em questão é o sistema humano.

Nossas células mudam e modificam-se constante e rapidamente: ao que parece, a troca celular, em média, alcança a velocidade de quatro milhões de unidades por segundo. Mudamos, trazendo em nós algo que é sempre diferente: Outro!

O outro

Mas então, quem é este Outro? Um Eu-observador do Eu, dentro de uma experiência e não de um acontecimento (isto é, uma série de fatos que se sucedem), que se torna experiência quando a questionamos, quando entramos em relação com ela<sup>10</sup>. Achamos possível poder refletir sobre

---

10. Paolo Bucci, comunicação pessoal

como dirigir o olhar, com as devidas semelhanças e diferenças, para a complexidade do contexto analítico dentro do qual poder levar em conta a singularidade dos ‘viventes’ e, ao mesmo tempo, do ‘ambiente relacional’ em que, de forma única e irrepitível, podem ativar-se processos autorreflexivos. Observando desta perspectiva, a Identidade, o Eu não pode mais ser pensado como algo fixo, numa condição *offline*, desligada do ‘lugar’ que ‘habita’. Nesta ótica, o In-divíduo não pode mais ser entendido como um Ser in-divisível e separado de qualquer outro ser vivo. Estamos compelidos, em certo sentido e em virtude daquela coerência, a referir-nos a “*Divíduos [...] contínuas reconfigurações — uma pluralidade de experiências interiores, que se recombina em cristalizações momentâneas nos vários momentos de nossa vida, em relação com aquilo que nos acontece. Somos, por assim dizer, um conjunto de pontos de vista que devem ser, a cada vez, reorganizados*”.<sup>11</sup>

O sentido de Integridade, portanto, poderia ser ameaçado pelo novo que entra e vem à tona e aquele novo é, ao mesmo tempo, funcional para perder-se e encontrar-se, conhecer-se e reconhecer-se e reorganizar-se sempre; não sendo assim, estaria em risco a sobrevivência do Sistema vivente! Manter unidas as peças, conseguir olhá-las enquanto algo, com um tempo próprio, que possa emergir e que possa se reconhecer como pertencente a si, é o aspecto mais complexo do processo identitário. Pode gerar angústia, medo, terror, mas também surpresa e curiosidade. O Sistema vivente em seu ser único, singular “*encerra, no mais alto grau, o paradoxo do Uno e do Múltiplo*” (Morin, 2001, p. 76, em tradução livre)<sup>12</sup>.

### O Múltiplo.

*Quando observamos um bando de pássaros, quantos são os pássaros?*

Não sabemos. Eis a Identidade! Como um bando de numerosos

---

11. Artigo Mauro Bonazzo, referências arquivo [https://raffaello.cortina.mediabiblos.it/rassegna\\_stampata/allegati/inghilleri-7-corriere-26-02-2021.pdf](https://raffaello.cortina.mediabiblos.it/rassegna_stampata/allegati/inghilleri-7-corriere-26-02-2021.pdf).

12. Morin, E. (2001), il metodo 5. L'identità umana, Cortina, Milano 2002

pássaros voando, em contínua modificação.

Ao refletir sobre a temática da Identidade e de seu ser múltipla, oscilamos entre considerá-la como um percurso em que todos os elementos vão se aglutinando numa entidade que é uma; ou como um conjunto de micro-organizações que se conglomeram e que, por um momento, são uma coisa e contemporaneamente o conjunto de todas as coisas, uma constelação.

O sentido de identidade deriva de um processo dinâmico, contínuo e incessante que dura a vida inteira e que está ativo desde o primeiro instante do nascimento.

É um contínuo tecer e encontrar-se entre as dimensões do corpo e da mente, numa relação primária em que o corpo origina uma atividade mental capaz de “*conter sensações que, por sua natureza, seriam somente vivíveis, independentemente de qualquer nível de consciência presente. A função desta continência seria a de permitir ao indivíduo o alcance de condições adaptativas capazes de sustentar e proteger o próprio viver*”<sup>13</sup>. Esta relação primária é modulada por outra relação primária em que é fundamental o mundo externo, no caso específico do recém-nascido, da função catalisadora da mãe.

Participam da construção da identidade solicitações provenientes das dimensões inatas que Ferrari definiu como *feminilidade e masculinidade de base*, junto com as contínuas modificações da *constelação edípica* que ocorrem durante toda a existência, e o conjunto complexo de corporeidade, emocionalidade e psiquicidade que vai constituir a *configuração egóica*. Com a expressão *configuração egóica*, Ferrari quis devolver ao conceito freudiano de Eu a amplitude e a extensão que o simples conceito de Eu não conseguia conter e que se estende de seu arraigar-se em alguns aspectos do Id, até às suas extremas propagações nas instâncias superegóicas.

*Constelação edípica e configuração egóica* confluem no complexo e dinâmico processo de construção e definição da *Identidade* de cada um.

---

13. Cosa c'è la fuori? Dal vivere al percepire: spunti per una riflessione sul funzionamento mentale. Paolo Bucci ..... pág.3

Pensar a Identidade como um dado emergente; como uma expressão da organização do sistema em um dado momento; como um eco que sobressai e que chama; como uma representação plural variável; como um bando de pássaros voando, em que um está no todo e o todo no um; como um processo contínuo, mas dentro do qual a maneira com que evolui é conotada em termos de descontinuidade, de contínuas desorganizações e reorganizações, de modo que, a cada instante, no aqui e agora, uma pessoa seja uma pessoa nova, com todas suas potencialidades e seus limites.

Quando falamos em Identidade, portanto, nos referimos a um conjunto em contínua transformação: por isso, quando encontramos um analisando temos que nos perguntar quem está encontrando quem. Quais aspectos do analisado estão encontrando quais aspectos do analisando.

Às vezes, temos a sensação de estarmos diante de *pessoas* diferentes, dentro da mesma *pessoa-analisando*, pessoas e não partes, pessoas completas, conectadas entre si de maneira mais ou menos harmônica, de modo que, às vezes, a pessoa que encontramos ontem, hoje parece ter deixado o lugar a outra pessoa, em função das formas de combinação entre si dos vários aspectos que compõem a identidade, e depois outra, e outra ainda...

A relação entre dimensão corporal, dimensão emocional e dimensão psíquica, entre masculinidade de base e feminilidade de base, entre constelação edípica e configuração egóica, tornam a identidade de cada pessoa, um conjunto composto por inúmeras possíveis combinações, em relação às transformações que ocorrem na dimensão vertical e aos acontecimentos da própria vida. E isso sem necessariamente recorrer àquele fenômeno definido em psicopatologia com a expressão *personalidade múltipla*. Poderíamos sustentar, portanto, que somos todos personalidades múltiplas.

## **Sugestões clínicas**

### **Primeira**

Algumas das sugestões clínicas a seguir podem favorecer nosso

diálogo sobre a maneira com que a Identidade vai se constituindo como um conjunto complexo e possa, portanto, encerrar elementos distintos com movimentos de dupla valência: perturbadora e de potencial nova organização e desorganização do sistema.

Durante uma sessão, um menino pergunta-se quando irá estreiar a segunda versão do filme “*Croods 2: uma nova era*”:

E: *Sabe... tem animais estranhos! ... No 2*

T: *O futuro não é mais como antigamente!!* (São palavras que vêm direto de minha alma, sem uma regra ou uma lei precisa, com força. Olhando-o como um herói rumo ao “amanhã”, no tempo presente da sessão penso nos 5 anos de análise e nas várias experiências que fizemos juntos)

E: *Isso.... É o 2, não o um!*

T: *Um...dois... O que importa ... (breve pausa) ... estava dizendo “estranhos”, quer dizer, os animais!*

E: *Sim! Estranhos mesmo... posso desenhá-los! (sorri) Eles têm ... são dois animais em um... Por exemplo... O tubarão ‘caminhoso’!* (Observo sua maneira de perceber-se, que muda fisicamente e emotivamente, muito rápido, sessão após sessão. Uma multidão de elementos que se encontram e se sobrepõem: a criança e o adolescente, um antes e um depois, um corpo e uma mente; contínuas ruturas de equilíbrios para a construção de novos).

T: *Claro! Gostaria muito de encontrá-los... desenhe-os!*

A analista dispõe sobre a mesa folhas de papel e lápis grafite e de cor.

E. começa a desenhar.

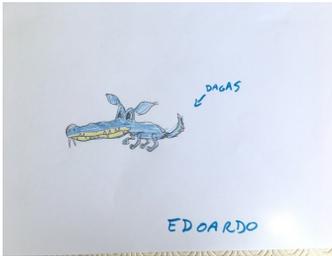
**Desenho 1**



**Desenho 2**



### Desenho 3



E ainda, em outra sessão, a analista faz um rabisco<sup>14</sup> numa folha. A ideia é propor uma experiência, através de uma atividade lúdica criativa, que possa permitir a E. observar-se a partir de vários pontos de vista.

T.: *Agora colocarei a folha no chão e nós ficaremos em pé, deste lado da folha (lado inferior) e quando desejarmos, começaremos a colorir os contornos de uma imagem que enxergamos dentro do rabisco. Por exemplo, se eu enxergar o mar, irei colorir as linhas que representam o mar. Faremos isso para cada lado da folha. Fui clara?*

E. ajoelha-se, mas não circunscreve nenhuma imagem, por 3 minutos corridos. Então a analista começa a colorir a forma de um C aberto, a inicial de seu nome.

Depois de acabar, E. desenha, dentro, um animal, e diz:



14. Squiggle é a expressão com que Donald W. Winnicott, psicanalista da British Society, introduz (1968) a possibilidade de ‘brincar’ em análise. Versão revisitada em A. Caruso, D. Foà

*É um monstrinho! A mãe ainda tinha que dar à luz... Depois vou lhe fazer um desenho desta escala evolutiva.*

T: *Desenhe o que vê, se quiser.*

E: *E... aqui não cabe... A escala evolutiva!*

T: *Pode ocupar o espaço que quiser (procuro acompanhar o movimento criativo, pensando que isso fará emergir elementos novos que, num devir, subseguem-se).*

E: *Sim! Então, outra folha*

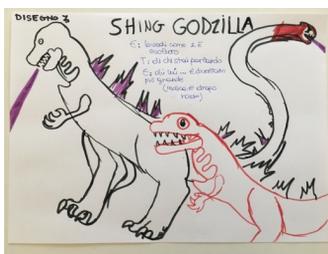


E. continua a desenhar, em silêncio. No final do desenho e quase no final da sessão, E. diz:

*Você viu como evoluiu?*

T: *De quem está falando?*

E: *Dele... Ficou maior (diz, indicando o dragão vermelho).*



A multiplicidade, agora, parece compor-se numa imagem única que contém a percepção de ampliação e extensão do próprio ser, por parte do analisando.

“É preciso ter muitos lugares dentro de si para ter alguma esperança de ser si mesmo”.

*J. B. Pontalis, L'amour des commencements, 1986 (Título em português: "O amor dos começos" - citação em tradução livre).*

## **Segunda**

Ao adentrar o quarto em que está uma paciente internada, o analista encontra-a no chão, recolhida num canto, com os braços ao redor das pernas e a cabeça entre elas: está aos prantos, desconsolada. Parece-lhe uma menina apavorada.

Pergunta: *"O que está havendo?"*

P. responde aos gritos e choros: *"Não está acontecendo nada dentro de mim, está acontecendo no quarto. Está cheio de pessoas que berram. Gritam comigo, coisas muito feias."*

Faço um esforço para não lhe perguntar o que estariam gritando. Perambulo pelo quarto, tentando imaginar todas essas pessoas. Percebo em mim uma grande tensão.

Digo: *"Estão todos bem irritados com a senhora, não é?"*

Responde, sempre muito agitada: *"Sim, sobretudo aquele caolho. Me dá um medo terrível."*

Imagino esta figura bizarra e pergunto: *"E como foi que perdeu o olho?"*

Imediatamente depois dessa pergunta, P. reduz significativamente a intensidade do choro. Parece estar pensando naquilo que perguntei e depois de alguns segundos responde com voz bem menos angustiada: *"Não sei."*

Continuo perambulando pelo quarto, não tenho a menor ideia do que fazer ou dizer; depois, vejo algumas fotos na parede, reunidas num pôster. Começo a olhar as fotos: muitas pessoas com P. .... Sinto-me mais tranquilo, pensando que eu também, agora, vejo muitas outras pessoas no quarto. Percebo que a mãe de P. não está em nenhuma foto, e, portanto, digo: *"Não vejo sua mãe, nestas fotos"*.

P. para de chorar e sempre com a cabeça escondida entre as pernas, pergunta: *"Quais fotos?"*

*“Estas, penduradas aqui no pôster.”*

*“Minha mãe está aí, sim.”*

*“Eu não a vejo.”*

P. levanta a cabeça e olha para mim, maravilhada. Indica-me a foto com a mão. De fato, numa delas está a mãe, meio escondida por outras pessoas. Digo: *“Sim, está certa, não tinha percebido.”* Falamos pouco e tranquilamente dessas fotos... Depois me aproximo e digo: *“Todas essas pessoas parecem serenas e felizes, talvez não sejam tão terríveis e perigosas como a senhora pensa”*. P. permanece calada. Cumprimento-a e saio do quarto.

Poucas manhãs depois, P., imediatamente após despertar, entrega aos operadores uma longa carta. Nela, P. questiona-se, duvida, perde-se e confunde-se, fica zangada, triste. Há suas palavras, fixadas no papel, e há a sua mão que as escreveu. É a que teme, a que julga e a que é julgada. Diz de si mesma, escreve de si mesma e de seus monstros e, sobretudo, diz isso a si mesma, “a uma das muitas”, como se pudesse observar-se.

No mesmo dia, vem para a minha sala e me diz: *“Esta noite passei por mais uma crise, mas consegui geri-la sozinha”*.

*“Sei. De fato, conseguiu escrevê-lo”*.

### **A Identidade na multiplicidade**

A identidade, de nosso ponto de vista, é um pouco como o paradoxo do navio de Teseu que, com o tempo, foi alterado em cada elemento constituinte, substituídos com novos elementos, mesmo que, aparentemente, manteve sua forma (identidade) originária. Portanto, perguntamos: aquele navio é idêntico? É outro? É diferente? É novo?

Poderia talvez ser mais “abordável” reduzir a complexidade, simplificá-la. Um é reconfortante? Sufocante? A Multidão, a pluralidade, a multiplicidade<sup>15</sup>geram desorientação? Dispersão? Talvez, também, possibilidade? Curiosidade?

E, todavia, somos isto, somos um e muitos.

---

15. Neste contexto, utilizamos as três palavras como sinônimos

*“O exercício do pensamento requer uma pluralidade: neste caso, a pluralidade do íntimo diálogo próprio do ser dois-em-um. Sócrates pode, em outras palavras, mover-se continuamente da ação ao pensamento, já que o mundo da aparência é representado através do “outro”, que está presente no si com o qual está dialogando. A solidão do pensador não é separação do mundo” (H. Arendt).*

Até do ponto de vista mais amplo da organização social e política, a anulação das diferenças e a redução à unicidade conduzem à instauração de regimes totalitários, contrários à dialética e à confrontação com aquilo que é diferente, respondendo ao medo inato e profundo por aquilo que é alheio e por aquilo que é outro de mim.

*“Este tipo de confusão em que não há mais nada de distinto e tudo aquilo que é novo e surpreendente não é explicado, mas deformado, lançando mão de analogias ou reduzindo-o a uma cadeia de causas e influências já conhecidas, parece-me ser a marca distintiva das ciências históricas e políticas modernas”.* (H. Arendt, tradução livre).

Vimos de que forma a biologia evolucionista fala do sistema vivente como de um “holobioma”, isto é, um sistema com uma identidade celular própria que hospeda outros sistemas viventes (as bactérias que habitam o intestino, por exemplo), com suas peculiaridades, suas identidades, numa tentativa, que dura a vida inteira, de ter acesso, sempre, dinamicamente, a formas e modalidades novas, para poder sobreviver.

Quando a descontinuidade perceptiva, a desarmonia, o desequilíbrio irrompem abruptamente, de forma intrusiva, na construção de sinergias internas, como pode acontecer amiúde em fases salientes do ciclo da vida, fases de transição - os casos clínicos que relatamos são um exemplo disso: pré-adolescência e primeira fase adulta - a presença do analista, como recurso, como organizador funcional, pode ser a alavanca que o analisando poderá, se o desejar, utilizar para manter unido e/ou deixar fluir aquilo que se move dentro e fora de si.

O analista, neste seu estar na relação com o analisando e consigo

mesmo, “navega à vista”, lançando mão da própria multidão, da qual ouve as vozes, para poder cocriar com o analisando, pontes, palavras únicas, linguagens concretas e caminhar por territórios inexplorados numa direção em que: *“Quando alguém alcança os limites de sua capacidade de sonhar a própria experiência perturbadora, precisa de outra pessoa que o ajude a sonhar os próprios sonhos não sonhados [...] são necessárias (pelo menos) duas pessoas para sonhar a experiência mais perturbadora (impensável) de alguém”* (T.H. Ogden, pág. 36, tradução livre)<sup>16</sup>.

#### BEING: A CROWD - THE COMPLEXITY OF THE LIVING SYSTEM IN AN OXYMORON

ABSTRACT: This paper derives from the work of reflection and discussion of the members of the IPFR “A.B. Ferrari” in Rome, about the complexity of the living system. The living system is considered as a set of different aspects interconnected in a more or less harmonious way: in the vertical area, body dimension, emotional dimension, psychic dimension. In the area of corporeality, the body itself is considered as an ecosystem, the holobiome. In the relational dimension, the need to represent oneself in relation to oneself, to the other, to the world. It is therefore a complex system, the components of which can relate over time in moments of greater or lesser harmony, creating unstable balances of greater or lesser adaptability to the needs of living. Clinical evidences help to develop the presented hypothesis.

KEYWORDS: multitude, holobiome, corporeality, psychicity, otherness.

#### SER: UNA MULTITUD - LA COMPLEJIDAD DEL SISTEMA VIVO EN UN OXÍMORON

RESUMEN: Este artículo deriva del trabajo de reflexión y discusión de los miembros del IPFR “A.B. Ferrari” de Roma, sobre el tema de la complejidad del sistema viviente. El sistema viviente se considera como un conjunto de diferentes aspectos interconectados de forma más o menos armoniosa: en el ámbito vertical, dimensión corporal, dimensión emocional, dimensión psíquica. En el ámbito de la corporeidad, el propio cuerpo se considera un ecosistema, el holobioma. En la dimensión relacional, la necesidad de representarse en relación consigo mismo, con el otro, con el mundo. Se trata, pues, de un sistema complejo, cuyos componentes pueden relacionarse a lo largo del tiempo en momentos de mayor o menor armonía, creando equilibrios inestables de mayor o menor adaptabilidad a las necesidades de la vida. Las evidencias clínicas contribuyen al desarrollo de la hipótesis presentada

PALABRAS CLAVE: multitud; holobioma; corporeidad; psiquicidad; otro.

---

16. T.H. Ogden: Vite Non Vissute - Raffaello Cortina Editore 2016

Ser uma multidão: a complexidade do sistema vivente em um oxímoro  
Paolo Bucci, Márcia Câmara, Fiorella Cerami, Stefano Fantozzi, Maria Stefania Lobasso,  
Alberto Panza , Cristiana Picconi , Massimo Romanini , Fausta Romano

Observação: Este trabalho foi concebido e redigido para o XII Encontro Ítalo-brasileiro de psicanálise. Os testemunhos clínicos respeitam as normas previstas pelas leis sobre privacidade, já que são isentos de referências realísticas e reconhecíveis.

## REFERÊNCIAS

- Arendt H., *La vita della mente*, Tr. it. di Giorgio Zanetti, p. 172, Il Mulino: Bologna 2009.  
Arendt H., Una replica a Eric Voeglin, in Id. Arquivo Arendt, 2, p.176, 1950-1954.  
Ferrari A., *L'eclissi del corpo*, Borla: Roma, 2004.  
Ferrari, A., *L'alba del pensiero*, Borla: Roma, 1998.  
Ferrari A., *Il pulviscolo di Giotto*, Franco Angeli: Milano, 2005.  
Gilbert, S.F., Sapp, J., Tauber A.I., A symbiotic view of life: we have never been individuals, *The Quarterly Review of Biology*, vol. 87, No. 4 (December 2012), pp. 325-341, The University of Chicago Press, 2012.  
Ogden, T., *Vite Non Vissute*, Raffaello Cortina Editore: Milano, 2016.  
Tauber, A. I., *Immunity: The Evolution of an Idea*, Oxford University Press: New York, 2017.

unobino@gmail.com  
mlocamara@gmail.com  
fiorella.cerami@icloud.com  
stefano.srpf@gmail.com  
stefilobasso@gmail.com  
cristiana.picconi@gmail.com  
alberto.panza@mac.com  
romanini.massimo@gmail.com  
romano.fausta@gmail.com